

Aproximações entre passado e presente: o processo de luta pelo reconhecimento dos ofícios tradicionais de cura

*Approximations between past and present:
the process of struggle for recognition of traditional healing professions*

ÉRICA KARINA SILVA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História e Regiões (PPGH)
da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO
E-mail: ekarina.ek8@gmail.com

Resumo: Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “Aprendizes da Sabedoria: lutas e resistências pela cultura tradicional popular”, do programa de pós-graduação em “História e regiões”, da Unicentro. O estudo busca compreender o processo de luta pelo reconhecimento dos ofícios tradicionais de cura, bem como a articulação do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), em prol da legitimação dos direitos de seus praticantes na região Centro-Sul do Paraná, com enfoque para o município de Rebouças, o primeiro no Brasil a oficializar as práticas de cura.

Palavras-chave: História. História Oral. Benzedeiros. Religiosidade.

Abstract: This work is part of the master's research entitled “Apprentices of Wisdom: struggles and resistance for traditional popular culture”, from the graduate program in “History and regions” at Unicentro. The study seeks to understand the process of struggle for the recognition of traditional healing professions, as well as the articulation of the Movement Apprentices of Wisdom - MASA, in favor of the legitimization of the rights of its practitioners in the Center-South region of Paraná, with a focus on the municipality of Rebouças, the first in Brazil to make healing practices official.

Keywords: History. Oral History. Healers. Religiosity.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história da humanidade está relacionada com a busca pela conexão com o divino, as formas de explicar o sobrenatural e encontrar respostas para as inquietudes do homem, assim como afirma Cunha (2018, p.20), “a magia precede a ciência”. Datar especificamente o surgimento dos primeiros ritos de cura é uma tarefa extremamente difícil; sabe-se que “os praticantes da benzeção existem desde a Antiguidade”, como apresenta Oliveira (1985, p. 07), todavia, durante a Idade Média, com os Tribunais do Santo Ofício, toda e qualquer pessoa que estivesse associada a práticas de cura era acusada de bruxaria e sofria duras punições.

Durante o período que abrange o século XIII a meados do século XIX, a Igreja Católica desenvolveu um sistema de repressão em massa contra pessoas que eram consideradas bruxos ou hereges. A Inquisição, como passou a ser comumente chamada, torturou, julgou e assassinou centenas de pessoas, entre crianças e adultos, na grande maioria mulheres. De acordo com Francisco Bettencourt (2000 *apud* PIRES, 2013, p. 564), “devemos nos referir às Inquisições, no plural, devido às especificidades que elas adquiriram ao longo do tempo”; em muitos países, tais tribunais ganharam caráter político, usados como punição do Estado. A configuração política que os tribunais adquiriram dá-se, de acordo com Pires (2013, p. 564),

A partir do fim do século XIII, o feudalismo é obrigado a centralizar e hierarquizar o poder para se manter e se organizar com métodos políticos e ideológicos mais modernos. A Igreja Católica e a Protestante foram importantes para essa centralização do poder.

Pires (2013, p. 564) traz para a discussão Rose Marie Muraro (MALLEUS, p. 15), na qual a autora afirma que “as perseguições ocorridas nesse período eram muito bem calculadas pelas classes dominantes para uma maior centralização do poder”. A hierarquização do sistema procurava colocar dentro das regras as massas camponesas, as quais sofriam duramente com pestes e guerras e estavam submetidas às vontades e aos abusos de seus senhores, principalmente as mulheres.

A sociedade medieval, fortemente marcada pela religiosidade e crença no seu senhor, via as violações de fé como violações políticas. Nesse sentido “os inquisidores conseguiram unir a transgressão sexual à transgressão da fé, e punir as mulheres por esses pecados” (PIRES, 2013, p. 564).

Condicionada a regras e a padrões de diferentes épocas e sociedades, a mulher sempre fora deixada em segundo plano. Sua imagem esteve ligada ao sagrado ou ao profano, seja pela Virgem Maria, seja por Eva. Nas duas alusões, sua existência está atrelada a algo ou a alguém, no primeiro caso, a missão de gerar o Salvador do mundo, e, no segundo, gerada de uma costela curvada do homem (e por isso imperfeita), posteriormente provando do fruto proibido, levando à desgraça do homem e de sua descendência. Em ambas as menções, a mulher não é tida como sujeito de sua história, mas como sombra de outro.

2 FASES DA CONSTRUÇÃO DA MULHER

Historicamente, a figura da mulher esteve sob o domínio do particular, inicialmente sob o domínio do pai, posteriormente sob domínio do marido, condicionada ao âmbito familiar e doméstico, onde pouco se falava dela ou com ela. Como aponta Perrot (2019, p. 16):

São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo [...]. Sua fala em grupo é indecente [...]. Até mesmo o corpo delas amedronta. [...] Porque são pouco vistas, pouco se fala delas.

APROXIMAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE:
O PROCESSO DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS DE CURA

A mulher como sujeito social nasce com “o advento da história das mulheres, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960 e na França uma década depois” (PERROT, 2019, p.19). Momento esse em que os paradigmas do marxismo e estruturalismo estão em baixa, voltando-se o olhar para o cotidiano, para a família, depressa, volta-se o olhar para a mulher. Quem era essa mulher? Qual sua história? Logo, surgem inúmeros estudos em torno dessa figura que por milênios havia sido ignorada.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2019, p. 21).

A aurora do século XX e o surgimento da Escola dos Annales em 1929 trouxeram um novo viés historiográfico, como afirma Ferreira (2012, p. 63), uma “História-problema”, preocupada, sim, com os fatos, mas com uma ênfase aos processos sociais, culturais, econômicos e, posteriormente, questões mentais da civilização. Diante dessa nova perspectiva, o saber historiográfico abriria uma gama de estudos relacionados ao cotidiano, ao trabalho, à família e à mulher, surgia então uma História com preocupações que iriam além de encontrar a verdade, mas preocupada em compreender os processos que engradam a história, com novas concepções e possibilidades de estudos.

A gama de estudos propiciados pela Nova História Cultural possibilitou olhar para grupos e personagens que haviam sido rechaçados pela historiografia tradicional, como as mulheres, que, em alguns momentos da história, foram vistas como santas, salvadoras do mundo; em outros como profanas e pecadoras, sem salvação. Um dos discursos criados em torno da figura da mulher está o de bruxa, mas quem seria essa bruxa. Uma mulher que, com sua sabedoria, utilizava-se de remédios naturais, emplastos e ervas para ajudar e curar os que lhe procuravam.

Atualmente a ideia da mulher bruxa, com toda a mítica criada em torno da sua figura, fica no imaginário das populações. Todavia, a mulher que usa de seus conhecimentos acerca do mundo médico-natural para curar enfermidades ainda existe e faz parte do cotidiano de muitas comunidades e, principalmente, é um elemento essencial para a construção sociocultural de inúmeras sociedades.

As benzedeadas são mulheres de garra, que lutam pela preservação de conhecimentos tradicionais/ancestrais, pelo repasse desses conhecimentos e pelo seu reconhecimento como mulher e como benzedeadas. Essas mulheres encontram-se espalhadas por diversas regiões do Brasil, realizando partos, cortando cobreiros¹, costurando rendidura² ou ensinando chás e simpatias. Vejamos o exemplo das benzedeadas da cidade de Rebouças no Paraná.

¹ Ferpa de bichinho, cobreiro de sapo, espuma de sapo, quando ele passa e solta a espuma na grama a pessoa que passa ali pega cobreiro.

² Quando a pessoa dá mal jeito, rasga a carne.

3 A LUTA DAS BENZEDEIRAS NO CENTRO-SUL PARANAENSE

Rebouças é uma cidade situada no interior do Paraná, fica a 144 km da capital Curitiba. Fundada em 1930, tem sua economia baseada na agricultura familiar e nas culturas da erva-mate e tabaco (IBGE, 2010). Por se tratar de uma pequena cidade do interior, eram raras as visitas de padres à comunidade, bem como também era escasso o número de médicos ou profissionais de saúde na região. Diante desse cenário de descaso, era latente a necessidade de alguém que olhasse pelas enfermidades das pessoas e trouxesse alívio. Rodrigues (2021, p. 114-115) acrescenta:

Tal condição favorecia o desenvolvimento de uma religiosidade dirigida por leigos, mística e devota [...] a religiosidade local se expressava, principalmente, por meio de orações e louvores dirigidos a “Santíssima Trindade” e aos santos católicos [...] os moradores locais buscavam por meio da fé uma relação com o transcendente, de certo modo, estavam vinculados a esse processo devocional.

Em seu trabalho, Rodrigues (2021) apresenta os dados levantados pela ACARPA na região de Rebouças, no qual ficam evidentes as precárias condições de higiene e saúde. Esse mesmo levantamento expressa que 77,56% dos moradores recorriam a médicos, o que para o pesquisador pode ser algo contraditório:

O dado pode ser considerado como fantástico ou contraditório visto que havia apenas um médico para atender os moradores: ou pouquíssima gente ficava doente, ou os dados foram manipulados ou as(os) depoentes burlaram sua resposta. Ocorre que neste mesmo levantamento, 24,35% dos entrevistados disseram recorrer a benzedores e 42,94% a curiosas³. (RODRIGUES, 2021, p. 141).

Baseado nos dados da ACARPA e nos estudos de Rodrigues, fica evidente a presença de benzedores e de curandeiros na região de Rebouças, pelo menos desde a década de 1950. Nesse sentido, é possível afirmar que a figura das benzeadeiras está na cultura e na sociedade reboucense, uma vez que estiveram presentes na consolidação do município mesmo quando as autoridades, tanto religiosas, quanto políticas, negligenciaram o cuidado com a população.

Apesar de haver benzedores homens, o ofício é, em grande maioria, praticado por mulheres, sendo que desde a antiguidade sua figura foi compreendida como responsável pelo bem-estar da família e da casa. Segundo a perspectiva de Cunha, no Brasil:

[...] estima-se que desde o período colonial, em decorrência da falta de médicos, mulheres conhecedoras das propriedades medicinais de ervas que cultivavam em suas casas mesclavam suas orações, seus conhecimentos empíricos das forças da natureza ao manuseio de ervas,

³ Parteiras não diplomadas.

APROXIMAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE: O PROCESSO DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS DE CURA

a fim de sanar males cotidianos e abrandar as enfermidades que assolavam seus ciclos familiares. (CUNHA, 2018, p. 20).

Associado à precariedade das condições de saúde, encontra-se o medo, o qual, segundo o historiador Georges Duby (1998, p.87), “aproxima os seres humanos”. A presença do medo é um elo presente entre as épocas e sociedades e para livrar-se dele, ou aliviá-lo, os seres humanos recorrem a orações, simpatias, curas e benzimentos. Credita-se a eficácia dos benzimentos e curas ao poder das palavras do benzedor e a fé de quem o procura.

A crença no poder das palavras, segundo Moura (2011, p. 348), “encontra raízes em diferentes tradições que se entrecruzaram nas terras brasileiras, nas quais a oralidade é/era um dos principais elementos de manutenção da cultura”. Sendo assim, a cura é um poder atribuído à benzedeira e suas práticas. As benzedeadas de Rebouças detêm um papel importante na sociedade; são depositárias de fé, perseverança e manutenção de uma cultura e identidade tradicional.

Em entrevista ao “Globo Rural”, Michel Meira (2017) comenta que, para manter vivos os saberes tradicionais, começou, juntamente com as mulheres, um trabalho de produção de pomadas e tinturas; percebeu-se que o conhecimento maior estava com as benzedeadas. Iniciando o levantamento das pessoas que detinham sabedoria e conhecimentos na área da saúde natural, foram mapeadas 134 benzedeadas somente no município reboucense. Meira (2017) acrescenta ainda que os números foram surpreendentes, isso porque a atividade era realizada de forma quase escondida, devido à forte repressão que existe sobre as benzedeadas, desde séculos passados.

O mapeamento das benzedeadas do município é resultado da articulação e formação do Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA), em conjunto com as ações da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF), que, desde 2005, representa as comunidades tradicionais típicas de todas as regiões do estado do Paraná.

Organizada a partir dos conflitos sociais em torno de sua territorialidade, “a APF surgiu como um movimento social que tem como proposta a valorização cultural e social juntamente com o direito de existir dos faxinalenses, bem como a luta pela terra e por um modelo sustentável de produção adaptado ao seu modo de vida” (MENIM, 2011, p. 1, *apud* ALMEIDA, 2013, p. 51).

Nesse sentido, “dentre as estratégias de mobilização da APF, o movimento articulava os detentores de práticas tradicionais de cura para a valorização e perpetuação desses conhecimentos tradicionais” (ALMEIDA, 2013, p. 51). É diante desse cenário de agitação e luta que, em 2008, os Aprendiz da Sabedoria recebem a autoidentificação como movimento.

Mediante a invisibilidade social, o preconceito e marginalização dos ofícios tradicionais de cura detidos por centenas de Benzedeadas, Benzedores, Curadeiras, Curadores, Rezadeiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiras, inicialmente um grupo formado por Benzedeadas e Benzedores dos municípios de Irati,

Rebouças e São João do Triunfo em 2008, dispostos a lutar contra as diversas formas de repressão às práticas tradicionais de cura e do livre acesso ao uso sustentável de ervas e plantas medicinais é proposto o I Encontro das Benzedadeiras do Centro Sul do Paraná realizado em setembro de 2008 na cidade de Irati, momento que foi formado o MASA – Movimento Aprendizizes da Sabedoria, espaço de organização dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, objetivando a Luta contra o descaso dos órgãos governamentais e demais instituições da sociedade, que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco o repasse dos conhecimentos e saberes tradicionais as gerações futuras, ocasionando a perda da cultura tradicional e uso sustentável dos recursos naturais, conhecimentos estes, detidos pelas Benzedadeiras (MASA, 2011, p. 2).

Em meio a esse cenário de lutas e reivindicações, em 2010 as benzedadeiras do MASA conquistaram o reconhecimento dos órgãos públicos, administrativos e sanitários por meio da Lei nº 1401/2010:

Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular em suas distintas modalidades: benzedeiros (a), curadores, costureiros (a) de rendiduras ou machucaduras e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas no município de Rebouças, estado do Paraná, conforme especifica. (REBOUÇAS, 2010, *online*).

A partir da lei de 2010, as benzedadeiras passaram a ter assegurados o direito de exercer seu ofício livremente e o de cultivar ervas e plantas medicinais utilizadas para chás e infusões. Além de assegurar as conquistas dessas mulheres, a lei, em seu artigo 1º, garante às pessoas que desejarem o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular em suas diferentes modalidades. No artigo 2º, fica expressa a obrigatoriedade da emissão do certificado e da carteirinha de detentor de ofício tradicional para todos aqueles que se autorreconhecem e são reconhecidos por uma comunidade como praticante desses ofícios.

4 ADENTRANDO O MUNDO DAS BENZEDEIRAS

O campo de estudos e de investigações acerca dos benzimentos e processos de cura vem se destacando atualmente em todos os campos das ciências, principalmente na área das ciências sociais. Na historiografia, temáticas como rituais de cura ainda são um campo pouco explorado, contudo a nova abordagem para com as fontes historiográficas vem permitindo novas possibilidades de pesquisa.

Na segunda metade do século XIX, ocasião em que a História se afirma como disciplina acadêmica, foram estabelecidos parâmetros metodológicos cientificistas rígidos orientadores da crítica interna e externa das fontes escritas, arqueológicas e artísticas, priorizando investigações sobre a importância da autenticidade documental,

APROXIMAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE:
O PROCESSO DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS DE CURA

porquanto a concepção dominante na historiografia era de que a comparação de documentos permitia reconstituir os acontecimentos passados, desde que encadeados numa correlação explicativa de causas e consequências. (PINSKY, 2008, p. 11).

Apesar do uso de fontes históricas desde meados do século XIX, o uso da História Oral como metodologia é muito mais recente, como destaca Alberti:

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. [...] O trabalho com a História Oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia, por exemplo. Trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência. (ALBERTI *apud* PINSKI, 2008, p. 155-156).

Na cultura dos benzimentos, a história oral detém papel fundamental. Para os rituais de cura, não há um manual ou um livro de receitas a ser seguido ou aprendido; é algo passado de geração a geração, através da oralidade. Portelli (2010, p. 3) afirma:

[...] há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação, do scanner ao computer, excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escutas, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente.

As vozes, como menciona Portelli, permitem “ver precisamente a vida cotidiana” (PORTELLI, 2014, p. 203, *apud* ALMEIDA, KOURY, p. 203, 2014), acessar o íntimo de um grupo cultural, alcançando um mundo invisível, repleto de signos e significações. Ouvindo essas vozes, é possível reaprender e ressignificar conceitos.

“Até quando pretende benzer? Até quando eu puder”⁴. É comum ouvir de uma benzedeira essas palavras. Para elas, o ato de benzer vai muito além de um ritual; é um dom divino, aquele que o recebeu tem o dever de zelar pelos que procuram.

Já que Deus me deu essa oportunidade a gente precisa ajudar os outros, tem muita gente que não pode ir no médico, então ele vai num benzedor, ali ele ensina um remédio, faz o benzimento e ele melhora

⁴ VENROSKI, Benedita Hilda. Entrevista concedida à Érica Karina Silva em 14 de agosto de 2020.

sem que precise procurar o médico. Às vezes é doença que não é do médico curar, tem muita coisa que o médico não resolve, é doença física-espiritual, então é através do toque e da oração e uma erva que tem o poder. (CAVALHEIRO, 2020, entrevista).

É indissociável das falas de dona Benedita e de dona Agda⁵ o dom que receberam de Deus, independentemente de estar associado à prática católica oficial. Essas mulheres mostram resiliência – frente à sociedade que, por anos, segregou toda e qualquer prática associada ao sobrenatural e à magia – ao se reafirmarem como benzedoras e principalmente por lutarem pela preservação de seu ofício, pois o veem como algo sagrado e, dessa forma, seu dever é mantê-lo vivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolver da pesquisa permitiu compreender a articulação e a luta das mulheres do Movimento Aprendizes da Sabedoria, bem como o processo de autoafirmação e reconhecimento dos Ofícios Tradicionais de Cura pelos órgãos administrativos. No decorrer das horas de estudo e no contato com as benzedoras, foi possível acessar o íntimo da vida dessas mulheres, uma vez que benzer ultrapassa as barreiras de um ofício, é um modo de vida.

O modo como essas mulheres articulam sua vida e o dia a dia é marcado pelo dom de benzer, “não tem dia nem hora, Deus não deixou marcado se hoje é domingo não vou benzer. A hora que vir, tá escrito na bíblia ‘bate e as portas se abrirá, procure e achará’” (CAVALHEIRO, 2020, entrevista). A fala de dona Agda deixa claro essa posição, suas vidas são norteadas pelos benzimentos e desenvolvem-se a partir destes.

Percebemos que o mundo das benzedoras é permeado por simbolismos e representações. A luta pela valorização e pelo reconhecimento desses ofícios tradicionais dá voz e visibilidade para todos aqueles que, em algum momento, foram excluídos ou marginalizados pela sociedade por praticarem rituais de cura que fugiam da lógica dos órgãos de saúde ou do catolicismo oficial.

O padre falava pro pai, porque fizeram denúncia do pai pro padre, ele veio na igreja e foram na sacristia, porque o padre tinha batizado pra fazer e o pai explicou pra ele que era espírita e isso os padres não aceitam, mas ele explicou que ele era espírita, que era ele sozinho, nem a família ele levava, se quisessem ir, iam, mas ele não incentivava, porque a mãe nunca foi de ser espírita, então o pai discutiu bastante com o padre, ai cada ele (o padre) vir na igreja dava uma falada. (VENEROSKI, 2020, entrevista).

⁵ CAVALHEIRO, Agda Andrade. Entrevista concedida à Érica Karina Silva em 18 de agosto de 2020.

⁶ Mateus 7:7-8.

APROXIMAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE:
O PROCESSO DE LUTA PELO RECONHECIMENTO DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS DE CURA

Dona Benedita se lembra do pai, famoso benzedor da região, morador da comunidade do Salto, o qual sofria muito preconceito por parte das autoridades da igreja, mas nunca deixou de exercer seu dom.

Nesse sentido, as reivindicações do Movimento Aprendizes da Sabedoria demonstram um árduo caminho de preconceitos percorridos até aqui – preconceitos que ainda existem, entretanto, com a mobilização das benzedoras, vêm sendo desmascarados e, através do papel de fala dessas mulheres, combatidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Denner Mariano de. **A comunicação pública e o capital social do Movimento Aprendizes da Sabedoria**: da (in)visibilidade ao empoderamento. 2013, 141f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Koury, Yara Aun. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectivas**, Uberlândia (50): 197-226, jan./jun. 2014.
- BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV-XIX. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.
- CAVALHEIRO, Agda Andrade. **Agda Andrade Cavalheiro**: depoimento [18/08/2020]. Entrevistadora: Érica Karina Silva. Rebouças – PR, 2020.
- CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedora**: memória e tradição oral em terras mineiras. 2018, 169f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ouro Preto, Mariana, 2018.
- DUBY, Georges. **Ano 1000 ano 2000**. Na pista de nossos medos. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. *In*: PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- GLOBO RURAL. Benzedores de dois municípios do PR possuem carteirinha da Secretaria Municipal de Saúde. **GLOBOPAY**. (16:08 min.) 2007. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6265543/>. Acesso em: 18 de abril de 2021.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rebouças, Censo Demográfico – 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/reboucas/historico>. Acesso em: 18 de abril de 2021.
- MASA. **Boletim informativo**: Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil – Conhecimentos tradicionais e mobilizações políticas: o direito

de afirmação da identidade de benzedoras e benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo. Paraná. Volume 1. Edição Especial, 2011.

MOURA, Elen Cristina de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual da benzeção. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11(29), 2011 – jan. / julho, p. 340-369. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

MURARO, Rose Marie. Prefácio. In: “**Malleus Malleficarum**: o martelo das feiticeiras” [1484]. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PIRES, João Davi Avelar. A inquisição e a feitiçaria: a ritualização do interrogatório e da tortura. **Revista História e Cultura**, Franca, v. 2, n. 3 (Especial), p. 560-573, 2013.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

REBOUÇAS. **Lei nº 1401/2010**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/r/reboucas/lei-ordinaria/2010/140/1401/lei-ordinaria-n-1401-2010-dispoe-sobre-oprocesso-de-reconhecimento-dos-oficios-tradicionais-de-saude-popular-em-suas-distintasmodalidades-benzedeiros-a-curadores-costureiros-a-de-rendiduras-ou-machucaduras-eregulamenta-o-livre-acesso-a-coleta-de-plantas-medicinais-nativas-no-municipio-de-reboucas-estado-do-parana-conforme-especifica>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

RODRIGUES, Paulo Gelson. **Espaços praticados**: a história de Rebouças a partir do homem ordinário. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021.

VENEROSKI, Benedita Hilda. **Benedita Hilda Veneroski**: depoimento [14/08/2020]. Entrevistadora: Érica Karina Silva. Rebouças (PR), 2020.